

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Joan Garcia de Guilhade
Cantigas
(Século XIII)



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Joan Garcia de Guilhade

Cantigas

Cantigas medievais do século XIII.

**Joan Garcia de Guilhade
(Século XIII)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 300



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do trovador Joan Garcia de Guilhade: “*Cantigas*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Trovador português, natural de Guilhade, lugar da freguesia de Milhazes (Barcelos), e documentado no segundo e terceiro quartéis do século XIII. A referência mais antiga que dele possuímos é a de um documento, datado de 1239, em que testemunha uma doação feita à Sé do Porto por D. Elvira Gonçalves de Toronho, na época já viúva do trovador D. Garcia Mendes d'Eixo. Deste fato depreende Resende de Oliveira¹ que João Garcia de Guilhade deveria ser um dos cavaleiros ao serviço da importante linhagem dos Sousa, o que parece, de resto, confirmar-se pelo fato de o seu nome surgir ao lado do conde D. Gonçalo Garcia de Sousa (filho de D. Elvira e também trovador) nas Inquirições de 1258.

Pelas suas composições se depreende que teria frequentado a corte castelhana de Afonso X, talvez acompanhando o percurso inicial de D. Gonçalo de Sousa, ou mesmo de seu irmão, D. Fernão Garcia Esgaravunha (percurso, em ambos os casos, algo obscuro nesta fase). Ainda segundo Resende de Oliveira, deverá ter regressado a Portugal por meados do século, provavelmente a Faria (não longe de Milhazes), onde os seu filhos foram criados, segundo atestam as mesmas Inquirições, fato que, aliás, concorda plenamente com as referências a essa localidade que encontramos em duas das suas composições. Está ainda documentado na mesma região em 1270, confirmando o testamento de um Lourenço Martins, marido de uma Sancha Peres de Guilhade, provavelmente sua familiar. Embora aí figure apenas como João Garcia, como faz notar Resende de Oliveira, trata-se de um documento curioso, acrescentamos, dadas as relações, que parecem ter sido muito próximas, do trovador com o célebre jogral Lourenço. No entanto, os frequentíssimos casos de homonímia na época aconselharão alguma prudência na identificação deste Lourenço Martins com o referido jogral. O nome João de Guilhade é ainda referido nas Inquirições de 1288, a propósito da criação de um seu filho em S. Salvador de Fornelos. Não sabemos se ainda estaria vivo nesse ano, mas, a ser esse o caso, teria já certamente uma idade avançada.

Referências bibliográficas:

Antônio Resende de Oliveira: "Depois do espetáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV". Edições Colibri. Lisboa, 1994.
Portal: *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas* (cantigas.fcsh.unl.pt)

ÍNDICE

A bõa dona por que eu trovava.....	1
A Don Foan quer' eu gran mal.....	1
A mia senhor ja lh' eu muito neguei.....	2
Ai amigas! perdud' an conhocer.....	2
Ai, dona fea, foste-vos queixar.....	3
Amigas, que Deus vos valha!	4
Amigas, o meu amigo.....	4
Amigas, tamanha coita.....	5
Amigos, non poss' eu negar.....	5
Amigos, quero-vos dizer.....	6
Cada que ven o meu amig' aqui.....	7
Chus mi tarda, mias donas, meu amigo.....	7
Cuidou-s' amor que logo me faria.....	8
Deus! Como se foron perder e matar.....	9
Disse, amigas, don J[o]an Garcia.....	9
Don Foan disse que partir queria.....	10
Dona Ouroana, pois ja besta avedes.....	10
Elvira Lopez, aqui, noutro dia.....	11
Elvira Lopez, que mal vos sabedes.....	12
Esso mui pouco que oj' eu falei.....	12
Estas donzelas que aqui demandan.....	13
Estes meus olhos nunca perderán.....	14
Fez meu amigo gran pesar a mi.....	14
Fez meu amigo, amigas, seu cantar.....	15
Foi-s' ora d' aqui sanhudo.....	15
Fostes, amig' , oje vencer.....	16
Gran sazón á que eu morrera ja.....	17
Lourenço jogar, ás mui gran sabor.....	17
Lourenço, pois te quitas de rascar.....	18
Martin jogar, ai, Dona Maria.....	19
Martin jogar, que gran cousa.....	20
Morr' o meu amigo d' amor.....	20
Muito te vejo, Lourenço, queixar.....	21
Nunca [a] tan gran torto vi.....	22
Ora quer Lourenço guarir.....	22
Par Deus, amigas, ja me non quer ben.....	23
Par Deus, infançon, queredes perder.....	23
Par Deus, Lourenço, mui desaguisadas.....	24
Per bõa fe, meu amigo.....	25
Por Deus! amigas, que será.....	25
Quantos an gran coita d' amor.....	26

Que muitos mi preguntarán.....	27
Queixei-m' eu destes olhos meus.....	28
Quer' eu, amigas, o mundo loar.....	28
Sanhud' and[ad]es, amigo.....	29
Se m' ora Deus gran ben fazer quisesse.....	29
Senhor, veedes-me morrer.....	30
Treides todas, ai amigas, con migo.....	31
U m' eu parti d' u m' eu parti.....	31
Un cavalo non comeu.....	32
Veestes-me, amigas, rogar	33
Vi eu estar noutro dia.....	33
Vi oj' eu donas mui ben parecer.....	34
Vistes, mias donas, quando noutro dia.....	34

A bõa dona por que eu trovava

*Cancioneiro da Biblioteca Nacional 422, Cancioneiro da Vaticana 34,
Cancioneiro da Ajuda 232*

A bõa dona por que eu trovava,
e que non dava nulha ren por mi,
pero s' ela de mi ren non pagava,
sofrendo coita sempre a servi;
e ora ja por ela ' nsandeci,
e dá por mi ben quanto x' ante dava.

E, pero x' ela con bon prez estava
e con [tan] bon parecer qual lh' eu vi
e lhi sempre con meu trobar pesava,
trobei eu tant' e tanto a servi
que ja por ela lum' e sen perdi,
e anda-x' ela por qual x' ant' andava:

Por de bon prez, e muito se prezava,
e dereit' é de sempr' andar assi;
ca, se lh' alguem na mia coita falava,
sol non oia nem tornava i;
pero por coita grande que sofri
oi mais ei d' ela quant' aver cuidava:

Sandec' e morte, que busquei sempr' i,
e seu amor mi deu quant' eu buscava!

A Don Foan quer' eu gran mal

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1500

A Don Foan quer' eu gran mal
e quer' a sa molher gran ben;
gran sazon á que m' est' aven
e nunca i já farei al,
ca, des quand' eu sa molher vi,
se pudi, sempre a servi
e sempr' a ele busquei mal.

Quero-me já maenfestar,
e pesará muit' [a] alguen;
mais, se quer que moira por en,
dizer quer' eu do mao mal

e ben da que mui bõa for,
qual non á [no] mundo melhor:
quero-[me] já maenfestar.

De parecer e de falar
e de bõas manhas aver,
ela, nõ-na pode vencer
dona no mund' , a meu cuidar;
ca ela fez Nostro Senhor
e el fez o demo maior;
e o demo o fez falar.

E, pois ambos ataes son,
como eu tenho no coração,
os julgu' aquel que pod' e val.

A mia senhor ja lh' eu muito neguei

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 456

A mia senhor ja lh' eu muito neguei
o mui gran mal que me por ela ven
e o pesar, e non baratei ben;
e des oi mais ja lh' o non negarei:
ante lhi quer' a mia senhor dizer
o por que posso guarir ou morrer.

Neguei-lh' o muito, e nunca lhi falar
ousei na coita que sofr' e no mal
per ela; e, se me cedo non val,
eu ja oi mais lh' o [non] posso negar:
ante lhi quer' a mia senhor dizer
o por que posso guarir ou morrer.

Eu lhe neguei sempre, per bõa fe,
a gran coita que por ela sofri,
e eu morrerrei por en des aqui,
se lh' o negar; mais, pois que assi é,
ante lhi quer' a mia senhor dizer
o por que posso guarir ou morrer.

Ai amigas! perdud' an conhocer

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 786, Cancioneiro da Vaticana 370

Ai amigas! perdud' an conhocer
quantos trobadores no reino son
de Portugal: ja non an coraçon
de dizer ben que soian dizer
[de vós] e sol non falan en amor,
e al fazen, de que m' ar é peor:
non queren ja loar bon parecer.

Eles, amigas, perderon sabor
de vos veeren; ar direi-vos al:
os trobadores ja van pera mal;
non á i tal que ja servha senhor
nen [que] sol trobe por ãa mulher:
madita sej' a que nunca disser
a quen non troba que é trobador!

Mais, amigas, conselho à d' aver
dona que prez e parecer amar:
atender temp[o] e non se queixar
e leixar ja a vó-lo tempo perder;
ca ben cuid' eu que cedo verrá alguen
que se paga da que parece ben.
e veeredes ced' amor valer.

E os que ja desemparados son
de vos servir, sabud' é quaes son:
leixe-os Deus maa mor[te] prender!

Ai, dona fea, foste-vos queixar

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1485, Cancioneiro da Vaticana 1097

Ai, dona fea! Foste-vos queixar
[por] que vos nunca louv' en meu trobar;
mais ora quero fazer um cantar
en que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

[Ai,] dona fea! se Deus mi perdon!
[e] pois avedes tan gran coraçon
que vos eu loe en esta razon,
vos quero ja loar toda via;

e vedes qual será a loaçõn:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar, pero muito trobei;
mais ora ja un bon cantar farei
en que vos loarei toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!

Amigas, que Deus vos valha!

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 749, Cancioneiro da Vaticana 352

Amigas, que Deus vos valha!
quando veer meu amigo,
falade sempr' ãas outras,
en quant' el falar con migo;
ca muitas cousas diremos
que ante vós non diremos.

Sei eu que por falar migo
chegará el mui coitado,
e vós ide-vos chegando
lá todas per ess' estrado;
ca muitas cousas diremos
que ante vós non diremos.

Amigas, o meu amigo

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 745, Cancioneiro da Vaticana 347

Amigas, o meu amigo
dizedes que faz enfinta
en cas d' el rei da mia cinta;
e vede-lo que vos digo:
mando-me-lh' eu que s' enfinga
da mia cinta e x' a cinga.

De pran todas vós sabedes
que lhi dei eu de mias dõas
e que mi-as dá el mui bõas:
mais, d' esso que mi dizedes,
mando-me-lh' eu que s' enfinga

da mia cinta e x' a cinga.

Se s' el enfinge (ca x' ousa),
eu direi-vos que façades:
ja mais nunca mi-o digades;
e direi-vos ãa cousa:
mando-me-lh' eu que s' enfinga
da mia cinta e x' a cinga.

Amigas, tamanha coita

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 747, Cancioneiro da Vaticana 349

Amigas, tamanha coita
nunca sofri, pois foi nada;
e direi-vo-la gran coita
con que eu sejo coitada:
amigas, ten meu amigo
amiga na terra sigo.

Nunca vós vejades coita,
amiga[s], qual m' oj' eu vejo;
e direi-vos a mia coita
con que eu coitada sejo:
amigas, ten meu amigo
amiga na terra sigo.

Sej' eu morrendo con coita,
tamanha coita me filha;
e direi mia coita e coita
que tragu' e que maravilha:
amigas, ten meu amigo
amiga na terra sigo.

Amigos, non poss' eu negar

*Cancioneiro da Biblioteca Nacional 419, Cancioneiro da Vaticana 30,
Cancioneiro da Ajuda 229*

Amigos, non poss' eu negar
a gran coita que d' amor ei,
ca mi vejo sandeu andar,
e con sandece o direi:
os olhos verdes que eu vi

mi fazen ora andar assi.

Pero quen quer x' entenderá
aquestes olhos quaes son;
e d' est' alguen se queixará;
mais eu ja quer moira quer non:
os olhos verdes que eu vi
mi fazen ora andar assi.

Pero non devia a perder
ome que ja o sen non á,
de con sandece ren dizer,
e con sandece digu' eu ja:
os olhos verdes que eu vi
mi fazen ora andar assi.

Amigos, quero-vos dizer

*Cancioneiro da Biblioteca Nacional 423, Cancioneiro da Vaticana 35,
Cancioneiro da Ajuda 233*

Amigos, quero-vos dizer
a mui gran coita' n que mi ten
ũa dona que quero ben
e que mi faz ensandecer;
e, catando po-la veer,
assi and' eu, assi and' eu,
assi and' eu, assi and' eu!

E ja m' eu conselho non sei,
ca ja o meu adubad' é;
e sei mui ben, per bõa fe,
que ja sempr' assi andarei:
catando, se a veerei,
assi and' eu, assi and' eu,
assi and' eu, assi and' eu!

E ja eu non posso chorar,
ca ja chorand' ensandeci;
e faz-m' amor andar assi
como mi veedes andar:
catando per cada logar,
assi and' eu, assi and' eu,
assi and' eu, assi and' eu!

E ja o non posso negar:
alguen mi faz assi andar!

Cada que ven o meu amig' aqui

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 754, Cancioneiro da Vaticana 357

Cada que ven o meu amig' aqui,
diz-m' , ai amigas, que perd' o [seu] sen
por mi, e diz que morre por meu ben;
mais eu ben cuido que non est' assi,
ca nunca lh' eu vejo morte prender,
nẽ-no ar vejo nunca ensandecer.

El chora muito e filha-s' a jurar
que é sandeu e quer-me fazer fis
que por mi morr' e, pois morrer non quis,
mui ben sei eu que á ele vagar,
ca nunca lh' eu vejo morte prender,
nẽ-no ar vejo nunca ensandecer.

Ora vejamos o que nos dirá,
pois veer viv' e pois sandeu non for!
Ar direi-lh' eu: "Non morrestes d' amor?"
Mais ben se quite de meu preito ja,
ca nunca lh' eu vejo morte prender,
nẽ-no ar vejo nunca ensandecer.

E ja mais nunca mi fará creer
que por mi morre, ergo se morrer.

Chus mi tarda, mias donas, meu amigo

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 753, Cancioneiro da Vaticana 356

Chus mi tarda, mias donas, meu amigo
que el migo posera,
e crece-m' end' ãa coita tan fera
que non ei o cor migo
e jurei ja que, atá que o visse,
que nunca ren dormisse.

Quand' el ouv' a fazer a romaria,

pos-m' un dia talhado
que veesse, e non ven, mal pecado!
Oje se compre o dia.
e jurei ja que, atá que o visse,
que nunca ren dormisse.

Aquel dia que foi de mi partido,
el mi jurou chorando
que verria, e pos-mi praz' e quando;
ja o praz' é saído,
e jurei ja que, atá que o visse,
que nunca ren dormisse.

Cuidou-s' amor que logo me faria

Cancioneiro da Vaticana 246

Cuidou-s' amor que logo me faria
per sa coita o sen que ei perder;
e pero nunca o podo fazer,
mais aprendeu outra sabedoria:
quer-me matar mui cedo por alguen,
e aqesto pod' el fazer mui ben,
ca mia senhor esto quer toda via.

E ten-s' amor que demandeí folia
en demandar o que non poss' aver;
e aqesto non poss' eu escolher,
ca logo m' eu en[d'] al escolheria:
escolheria, mentr' ouvesse sen,
de nunca ja morrer por nulha ren;
ca esta morte non é jograria.

Ai! que de coita levei en Faria!
E vin aqui a Segobha morrer,
ca non vej' i quen soia veer
meu pouqu' e pouqu' e por esso guaria.
Mais, pois que ja non posso guarecer,
a por que moiro vos quero dizer:
diz alguen: "Est' é filha de Maria."

E o que sempre neguei en trobar,
ora o dix' ! E pes a quen pesar,
pois que alguen acabou sa perfia.

Deus! Como se foron perder e matar

Cancioneiro da Vaticana 37

Deus! Como se foron perder e matar
mui bõas donzelas, quaes vos direi:
foi Dordia Gil e ar foi Guiomar,
que prenderon ordin! Mais, se foss' eu rei,
eu as mandaria por en[de] queimar
porque foron mund' e prez desemparrar.

Non metedes mentes en qual perdiçon
fezeron no mund' e se foron perder?
Com' outras arlotas viven na raçon,
por muito de ben que poderon fazer.
Mais eu por alguen já mort' ei de prender
que non vej' e moiro por alguen veer.

Outra [bõa] dona que pe-lo reino á,
de bon prez e rica [e] de bon parecer,
se mi-a Deus amostra, gran ben mi fará,
ca nunca prazer verei sã-na veer.
Que farei, coitado? Moiro per alguen
que non vej' e moiro por veer alguen.

Disse, amigas, don J[o]an Garcia

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 751, Cancioneiro da Vaticana 354

Disse, amigas, don J[o]an Garcia
que, por mi non pesar, non morria;
mal baratou, porque o dizia,
ca por est' o faço morrer por mi,
e vistes vós o que s' enfengia:
demo lev' o conselho que á de si!

El disse ja que por mi trovava,
ar enmentou-me, quando lidava;
seu dano fez que se non calava,
ca por est' o faço morrer por mi:
sabedes vós o que se gabava:
demo lev' o consellho que á de si!

El andou por mi muito trobando
e quant' avia por mi o dando,
e nas lides mi ia enmentando,
e por est' o faço morrer por mi,
pero se muito andava gabando:
demo lev' o conselho que á de si!

Don Foan disse que partir queria

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 375

Don Foan disse que partir queria
Quanto lhi deron e o que avia;
e dixi-lh' eu, que o ben conhocia:
"Castanhas eixidas e velhas per souto!"

E disse-m' el, quando falava migo:
"Ajudar quero senhor e amigo."
E dixi-lh' eu: "Ess' é o verv' antigo:
Castanhas eixidas e velhas per souto!"

E disse-m' el: "Entender quer' eu mão,
e quer' andar ja custos' e loução."
E dixi-lh' eu: "Eso, ai, don Foan,
castanhas eixidas e velhas per souto!"

Dona Ouroana, pois ja besta avedes

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1499, Cancioneiro da Vaticana 1109

Dona Ouroana, pois já besta avedes,
outro conselh' ar avedes mester:
vós sodes mui fraquelinha molher
e ja mais cavalgar non poderedes;
mais, cada que quiserdes cavalgar,
mandade sempr[e] a best' chegar
a un caralho, de que cavalguedes.

E, cada que vós andardes senlheira,
se vo-la besta mal selada andar,
guardade-a de xi vos derramar,
ca, pela besta, sodes soldadeira
e, par Deus, grave vos [per] foi d' aver;
e punhade-[a] sempr' en guarecer,

ca en talho sodes de peideira.

E non moredes [vós] muito na rua:
este conselho filhade de mi,
ca perderedes logu' i o rocin
e non faredes i vós prol nen ãa;
e, mentr' ouverdes a besta, de pran,
cada u fordes, todos vos faran
onra d' outra puta fududancua.

E, se ficardes en besta muar,
eu vos conselho sempre a ficar
ant' en muacho novo ca en mua.

Elvira Lopez, aqui, noutro dia

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1489, Cancioneiro da Vaticana 1100

Elvira Lopez, aqui, noutro dia
[se Deus mi valha!], prendeu un cajon:
deitou na casa sigo un peon,
e ãa maeta e quanto tragia
pos cabo de si e adormeceu;
e o peon levantou-s' e fodeu,
e nunca ar soube de contra u s' ia.

Ante, lh' eu dixi que mal sen fazia
que se non queria d' el aguardar
sigo na casa o ia jeitar;
e dixi-lh' eu quanto lh' end' averria,
ca vos direi do peon como fez:
abriu a porta e fodeu ãa vez,
[e] nunca soube d' el sabedoria.

Mal se guardou e perdeu quant' avia,
ca se non sub' a cativa guardar:
leixo-o sigo na casa albergar,
e o peon fez [como] que dormia,
e levantou-s' o peon traedor
e, como x' era de mal sabedor,
fodeu-a tost' e foi logo sa via.

E o peon viron en Santaren,
e non se guarda nen dá por en ren;

mais lev' o demo quant[o] en tragia!

Elvira Lopez, que mal vos sabedes

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1488, Cancioneiro da Vaticana 1099

Elvira Lopez, que mal vos sabedes
vós guardar sempre d' aqieste peon
que pousa vosqu' e á [gran] coraçon
de jazer vosqu' , e vós non lh' entendedes!
Ei mui gran medo de xi vos colher
algur senlheira, e, se vos foder,
o engano nunca lh' o provaredes.

O peon sabe sempr' u vós jazedes,
e non vos sabedes d' ele guardar,
si quer põesdes [en] cada logar
vossa maeta e quanto tragedes;
e dized' ora (se Deus vos perdon!):
se de noite vos foder o peon,
contra qual parte o demandaredes?

Direi-vos ora como ficaredes
D' este peon, que tragedes assi
vosco, pousand[o] aqui e ali:
e vós já quando que ar dormiredes,
e o peon, se coraçon ouver
de foder, foder-vos-á, se quiser,
e nunca d' el o voss' [ar] averedes.

Ca vós diredes: “Fodeu-m' o peon”;
e el dirá: “Bõa dona, eu non!” —
e u las provas que lh' ende daredes?

Esso mui pouco que oj' eu falei

Cancioneiro da Ajuda 239

Esso mui pouco que oj' eu falei
con mia senhor, gradeci-o a Deus;
e gran prazer viron os olhos meus!
Mais do que dixे gran pavor per ei,
ca mi tremia ' ssi o coraçon
que non sei se lh' o dixе, [ou] se non.

Tan gran sabor ouv' eu de lhe dizer
a mui gran coita que sofr' e sofri
por ela; mais tan mal dia naci,
se lh' o oj' eu ben non fiz entender,
ca mi tremia ' ssi o coraçon
que non sei se lh' o dixé, [ou] se non.

Ca nunca eu falei con mia senhor,
se non mui pouc' oj' ; e direi-vos al:
non sei, se mi lh' o dixé ben, se mal,
mais do que dixé, estou a gran pavor,
ca mi tremia ' ssi o coraçon
que non sei se lh' o dixé, [ou] se non.

E a quen muito trem' o coraçon,
nunca ben pod' acabar sa razon!

Estas donzelas que aqui demandan

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 776, Cancioneiro da Vaticana 359

Estas donzelas que aqui demandan
os seus amigos que lhis façan ben,
querrei, amigas, saber ãa ren:
que [é] aquelo que lh' e[le]s demandan?
Ca un amigo que eu sempr' amei
pediu-mi cinta, e ja lh' a er dei;
mais eles cuidó que al lhis demandan.

O meu seria perdudo con migo
por sempr' , amigas, se mi pediss' al;
mais pedir cinta non é nulho mal,
e por aquesto non se perdeu migo;
mais, se m' el outra demanda fezesse,
Deus me cofonda, se lh' eu cinta desse!
e perder-s' ia ja sempre [con] migo.

Mai-la donzela que muit' á servida
o seu amigo, (esto lh' é mester)
dé-lhi sa cinta, se lhi dar quiser,
se entender que a muito á servida;
mais, se x' el quer outro preito maior,
maldita seja quen lh' amiga for

e quen se d' el tever por [ben] servida!

E de tal preito, non sei end' eu ren;
Mais, se o ela por amigo ten,
Non lhi trag' el lealdade comprida.

Estes meus olhos nunca perderán

Cancioneiro da Ajuda 237

Estes meus olhos nunca perderán,
senhor, gran coita, mentr' eu vivo for;
e direi-vos, fremosa mia senhor,
d' estes meus olhos a coita que an:
choran e cegan quand' alguen non veen,
e ora cegan per alguen que veen.

Guisado tēen de nunca perder
meus olhos coita e meu coraçon,
e estas coitas, senhor, mñas son;
mais los meus olhos, per alguen veer,
choran e cegan quand' alguen non veen,
e ora cegan per alguen que veen.

E nunca ja poderei aver ben,
pois que amor ja non quer, nen quer Deus;
mais os cativos d' estes olhos meus
morrerán sempre por veer alguen:
choran e cegan quand' alguen non veen,
e ora cegan per alguen que veen.

Fez meu amigo gran pesar a mi

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 777, Cancioneiro da Vaticana 360

Fez meu amigo gran pesar a mi,
e, pero m' el fez tamanho pesar,
fezestes-me-lh' , amigas, perdõar,
e chegou oj' e dixi-lh' eu assi:
“Vĩide ja, ca ja vos perdoei,
mais pero nunca vos ja ben querrei”.

Perdoei-lh' eu, mais non ja con sabor
que [eu] ouvesse de lhi ben fazer,

e el quis oj' os seus olhos merger,
e dixi-lh' eu: "Olhos de traedor,
Vĩide ja, ca ja vos perdoei,
mais pero nunca vos ja ben querrei".

Este perdon foi de guisa, de pran,
que ja mais nunca mig' ouvess' amor,
e non ousava vñir con pavor,
e dixi-lh' eu: "Ai cabeça de can!
vñide ja, ca ja vos perdoei,
mais pero nunca vos ja ben querrei".

Fez meu amigo, amigas, seu cantar

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 778, Cancioneiro da Vaticana 361

Fez meu amigo, amigas, seu cantar,
per bõa fe, en mui bõa razon
e sen enfinta, e fez-lhi bon son;
e ãa dona lh' o quiso filhar;
mais sei eu ben por quen s' o cantar fez,
e o cantar ja valria ãa vez.

Tanto que lh' eu este cantar oí,
logo lh' eu foi na cima da razon
por que foi feit' , e ben sei por que non;
e ãa dona o quer pera si;
mais sei eu ben por quen s' o cantar fez,
e o cantar ja valria ãa vez.

Ë-no cantar mui ben entendi eu
como foi feit' , e entendi por quen,
e o cantar é guardado mui ben:
e ãa [dona] o teve por seu;
mais sei eu ben por quen s' o cantar fez,
e o cantar ja valria ãa vez.

Foi-s' ora d' aqui sanhudo

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 785, Cancioneiro da Vaticana 369

— Foi-s' ora d' aqui sanhud[o],
amiga, o voss' amigo.
— Amiga, perdud' é migo

e, pero migu' é perdudo,
o traedor conhoçudo
acá verrá,
cá verrá,
acá verrá.

— Amiga, deseparado
era de vós e morria.
— Sodes, amiga, sandia;
non foi en[d' el] mui coitado,
mais ele, mao seu grado,
acá verrá,
cá verrá,
acá verrá.

— Amiga, con lealdade,
dizen que anda morrendo.
— Vó-lo andades dizendo,
amiga, est' é verdade,
mai-lo que chufan Guilhade
acá verrá,
cá verrá,
acá verrá.

Fostes, amig' , oje vencer

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 752, Cancioneiro da Vaticana 355

Fostes, amig' , oje vencer
na voda en bafordar ben
todo-los outros, e praz-m' en;
ar direi-vos outro praz:
alevad' o parecer da voda;
per bõa fe, eu mi-alevo toda.

E, poi-los vencedes assi,
nunca devian a lançar
vosc' , amigo, nen bafordar;
ar falemos logo de mi:
alevad' o parecer da voda;
per bõa fe, eu mi-alevo toda.

E muito mi praz do que sei,
que vosso bon prez verdad' é,

meu amigo, e, per bõa fe,
outro gran prazer vos direi:
alevad' o parecer da voda;
per bõa fe, eu mi-alevo toda.

A toda-las donas pesou,
quando me viron sigo estar,
e punharon de s' afeitar;
mais praza-vos de como eu vou:
alevad' o parecer da voda;
per bõa fe, eu mi-alevo toda.

Gran sazón á que eu morrera ja
Cancioneiro da Ajuda 235

Gran sazón á que eu morrera ja
por mia senhor, desejando seu ben;
mais ar direi-vos o que me deten
que non per moir' , e direi-vo' -lo ja:
falan-me d' ela, e ar vou-a veer,
[e] ja quant' esto me faz ja viver.

E esta coita ' n que eu viv' assi,
nunca en parte soube mia senhor;
e vou vivend' a gran pesar d' amor,
e direi ja por quanto viv' assi:
falan-me d' ela, e ar vou-a veer,
[e] ja quant' esto me faz ja viver.

Non viv' eu ja se per a questo non:
ouç' eu as gentes no seu ben falar;
e ven logo amor por me matar,
e non guaresco se per esto non:
falan-me d' ela, e ar vou-a veer,
[e] ja quant' esto me faz ja viver.

E viverei mentre poder viver;
ca pois por ela me ei [eu] a morrer.

Lourenço jogar, ás mui gran sabor
Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1493, Cancioneiro da Vaticana 1104

— Lourenço jogar, ás mui gran sabor
de citolares, ar queres cantar,
des i ar filhas-te log' a trobar
e tões-t' ora ja por trobador;
e por tod' esto ãa ren ti direi:
Deus me cofonda, se oj' eu i sei
d' estes mesteres qual fazes melhor.

— Joan Garcia, são sabedor
de meus mesteres sempre deantar,
e vós andades por mh-os desloar;
pero non sodes tan desloador
que, con verdade, possades dizer
que meus mesteres non sei ben fazer,
mais vós non sodes i conhocedor.

— Lourenço, vejo-t' agora queixar:
pola verdade que quero dizer
metes-me já por de mal conhocer;
mais eu non quero tigo pelejar
e teus mesteres conhocer-t' os-ei,
e dos mesteres verdade direi:
ess' é que foi con os lobos arar!

— Joan Garcia, no vosso trobar
acharedes muito que correger,
e leixade mi, que sei ben fazer
estes mesteres que fui começar.
Ca no vosso trobar sei-m' eu com' é:
i á de correger, per bõa fé,
mais que nos meus, en que m' ides travar.

— Ve[e]s, Lourenç' , ora m' assanharei,
pois mal i entenças, e ti farei
o citolon na cabeça quebrar.

— Joan Garcia (se Deus mi perdon!)
mui gran verdade digu' eu na tençon,
e vós fazed' o que vos semelhar.

Lourenço, pois te quitas de rascar

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1495, Cancioneiro da Vaticana 1106

Lourenço, pois te quitas de rascar
e desemparas o teu citolon,
rogo-te que nunca digas meu son
e já mais nunca mi fará pesar;
ca, per trobar, queres já guarecer,
e farás-m' ora desejos perder
do trobador que trobou do Juncal.

Ora cuido eu cobrar o dormir
que perdi: sempre, cada que te vi
rascar no cep' e tanger, non dormi;
mais, poi-lo queres já de ti partir,
pois guarecer [buscas i] per trobar,
Lourenço, nunca irás a logar
u tu non faças as gentes riir.

E vês, Lourenço, se Deus mi perdon,
pois que mi tolhes do cepo pavor
e de cantar, farei-t' eu sempr' amor,
e tenho que farei mui gran razon;
e direi-t' i qual amor t' eu farei:
já mais nunca teu cantar oirei,
que en non riia mui de coração.

Ca vês, Lourenço, muito mal premdi
de teu rascar e do cep' e de ti;
mais, pois t' en quitas, cu[i]do ti perdon.

Martin jograr, ai, Dona Maria

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1491, Cancioneiro da Vaticana 1102

Martin jograr, ai, Dona Maria!
Jeita-se vosco já cada dia,
e lazero-m' eu mal.

And' eu morrend' e morrendo sejo,
e el ten sempr' o cono sobejo,
e lazero-m' eu mal.

Da mia lazeira pouco se sente;
fod' el bon con[o] e jaz caente,
e lazero-m' eu mal.

Martin jogar, que gran cousa

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1490, Cancioneiro da Vaticana 1101

Martin jogar, que gran cousa!
Ja sempre con vosco pouosa
vossa molher!

Veedes-m' andar morrendo,
e vós jazedes fodendo
vossa molher!

Do meu mal non vos doedes,
e moir' eu, e vós fodedes
vossa molher!

Morr' o meu amigo d' amor

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 749, Cancioneiro da Vaticana 352

Morr' o meu amigo d' amor
e eu non volh' o creio ben
e el mi diz logo por en
ca verrá morrer u eu for,
e a mi praz de coraçõn
por veer se morre, se non.

Enviou m' el assi dizer:
ten el por mesura de mi
que o leixe morrer aqui
e o veja, quando morrer;
e a mi praz de coraçõn
por veer se morre, se non.

Mais nunca ja crea molher
que por ela morren assi
(ca nunca eu esse tal vi),
e el moira, se lhi prouguer;
e a mi praz de coraçõn
por veer se morre, se non.

Muito te vejo, Lourenço, queixar

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1494, Cancioneiro da Vaticana 1105

— Muito te vejo, Lourenço, queixar
pola cevada e polo beber,
que t' o non mando dar a teu prazer,
mais eu t' o quero fazer melhorar;
pois que t' agora citolar oí
e cantar, mando que t' o den assi
ben como o tu sabes merecer.

— Joan Garcia, se vos en pesar
de que mi queix[e] en vosso poder,
o melhor que podedes i fazer:
non mi mandedes a cevada dar
mal nẽ-no vïo, que mi no dan i
tan ben com' [o] eu sempre mereci,
ca vos seria grave de fazer.

— Lourenço, a mi grave non será
de te pagar tanto que mi quiser,
pois ante mi fezisti teu mester;
mui ben entendo e ben vejo já
como te pagu' e logo o mandarei
pagar a [un] gran vilão que ei,
se un bon pao na mão tever.

— Joan Garcia, tal paga achará
en vós o jogar, quand' a vós veer;
mais outro [a] que meu mester fazer
que m' eu entenda, mui ben [me] fará
que panos ou algo merecerei;
e vossa paga ben a leixarei
e pagad' [a] outro jogar qual quer.

— Pois, Lourenço, cala-t' e calar-m' ei;
e toda via tigo m' [o] averei,
e do meu filha quando chi m' eu der!

— Joan Garcia, non vos filharei
alg[o], e mui ben vos citolarei,
e conhosco mui ben [que é] trobar.

— A mofar, Don Lourenço, [a] chufar!

Nunca [a] tan gran torto vi

Cancioneiro da Vaticana 1108

Nunca [a] tan gran torto vi
com' eu prendo d' un infançon,
e, quantos ã-na terra son,
todo-lo tãen por assi:
o infançon, cada que quer,
vai-se deitar con sa molher
e nulha ren non dá por mi.

E ja me nunca temerá,
ca sempre me tev' en desden;
des i ar quer sa molher ben,
e ja sempr' i filhos fará;
se quer tres filhos que fiz i
filha-os todos pera si:
o demo lev' o que m' en dá!

En tan gran coita vivo oj' eu
que non poderia maior:
vai-se deitar con mia senhor
e diz do leito que é seu,
e deita-s' a dormir en paz,
des i, se filh' ou filha faz,
nã-no quer outorgar por meu.

Ora quer Lourenço guarir

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1497, Cancioneiro da Vaticana 1107

Ora quer Lourenço guarir,
pois que se quita de rascar;
e já guarria, a meu cuidar,
se ora ouvesse que vestir
[mai-las gentes non lhi dan ren,]
e já nulh' ome non se ten
por devedor de o ferir!

E, se quisesse partir,
como se partiu do rascar,
d' un pouco que á de trobar

poderia mui ben sair
de todo por se quitar en
oj' , e nõ-no ferrian por en
os que o non queren oir.

E seria conhocedor
de seu trobar, por non fazer
os outros errados seer;
e el guarria mui melhor
sen trobar e sen citolon,
pois perdeu a voz e o son,
por que o ferian peor.

Par Deus, amigas, ja me non quer ben

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 748, Cancioneiro da Vaticana 350

Par Deus, amigas, ja me non quer ben
o meu amigo, pois ora ficou
onde m' eu vin, e outra o mandou;
e direi-vos, amigas, ùa ren:
se m' el quisesse como soia,
ja ' gora, amigas, migo seria.

E ja cobrad[o] é seu coração
[de me querer muy gran ben, eu o sei,]
pois el ficou u lh' a mia cinta dei,
e, mas amigas, (se Deus mi perdon!)
se m' el quisesse como soia,
ja ' gora, amigas, migo seria.

Fez-m' el chorar muito dos olhos meus
con gran pesar que m' oje fez prender,
quand' eu dixi: "Outro m' o [o]uvira dizer!"
Ai, mias amigas, se mi valha Deus!
se m' el quisesse como soia,
ja ' gora, amigas, migo seria.

Par Deus, infançon, queredes perder

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1492, Cancioneiro da Vaticana 1103

Par Deus, infançon, queredes perder
a terra, pois non temedes el-Rei,

ca já britades seu degred' , e sei
que lh' o faremos mui cedo saber:
ca vos mandaron a capa, de pran,
trager dous anos, e provar-vos-an
que vo-la viron tres anos trager.

E provar-vos-á, das carnes quen quer
que duas carnes vos mandan comer,
e non queredes vós d' ãa cozer;
e no degredo non á já mester
nen já da capa non ei a falar,
ca ben três anos a vimos andar
no vosso col' e de vossa molher.

E fará el-Rei corte este mês,
e mandaran-vos, infançon, chamar;
e vós querredes a capa levar
e provaran-vos, pero que vos pês,
da vossa capa e vosso gardacós —
en cas d' el-Rei, vos provaremos nós
que an quatr' anos e passa per tres.

Par Deus, Lourenço, mui desaguisadas
Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1501

Par Deus, Lourenço, mui desaguisadas
novas oí agor' aqui dizer:
mias tenções quiseran desfazer
e que ar fossen per ti amparadas.
Joan Soárez foi; e di-lh' assi:
que louv' eu donas, mais nunca por mi,
mentr' eu viver, seran amas loadas.

E, se eu fosse u foron escançadas
aquestas novas de que ti falei,
Lourenço (gran verdade ti direi),
toda-las novas foran acaladas;
mais mi e ti poss' eu ben defender,
ca nunca eu donas mandei tecer,
nen lhis trobei nunca polas maladas.

Cordas e cintas muitas ei eu dadas,
Lourenç' , a donas, e elas a mi;

mais pero nunca con donas teci,
nen trobei nunca por amas onradas;
Aas que mi criaron, dar-lhis-ei
sempr' en que vivan e vesti-las-ei,
e seran donas de mi sempr' amadas.

Lourenço, di-lhe que sempre trobei
por bõas donas e sempr' estranhei
os que trobavan por amas mamadas.

Per bõa fe, meu amigo

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 755, Cancioneiro da Vaticana 358

Per bõa fe, meu amigo,
mui ben sei eu que m' ouvestes
grand' amor e estevestes
mui gran sazon ben con migo,
mais vede-lo que vos digo:
ja çafou!

Os grandes nossos amores,
que mi e vós sempr' ouvemos,
nunca lhi cima fizemos,
coma Brancafrol e Flores,
mais tempo de jogadores
ja çafou!

Ja eu falei en folia
con vosqu' [e] en gran cordura,
e en sen e en loucura,
quanto durava o dia,
mais esto, Joan Garcia,
ja çafou!

E d' essa folia toda
ja çafou!
ja çaf[u] de pan de voda,
ja çafou!

Por Deus! amigas, que será

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 706, Cancioneiro da Vaticana 344

Por Deus! amigas, que será,
pois [que] o mundo non é ren
nen quer amig' a senhor ben?
E este mundo que é ja,
pois i amor non á poder?
Que presta seu bon parecer
nen seu bon talh' a quẽ-no á?

Vedes por que o dig' assi:
porque non á no mundo rei
que viss' o talho que eu ei,
que xe non morresse por mi
(si quer meus olhos verdes son),
e meu amig' agora non
me viu, e passou per aqui!

Mais dona que amig' ouver
des oje mais (crea per Deus!)
non s' esforc' ẽ-[n]os olhos seus;
ca des oí mais non lh' é mester:
ca ja meus olhos viu alguen
e meu bon talh' , e ora ven
e vai-se tanto que s' ir quer!

E, pois que non á de valer
bon talho nen bon parecer,
parescamos ja como quer.

Quantos an gran coita d' amor

*Cancioneiro da Biblioteca Nacional 424, Cancioneiro da Vaticana 36,
Cancioneiro da Ajuda 234*

Quantos an gran coita d' amor
ẽ-no mundo, qual oj' eu ei,
querrian morrer, eu o sei,
e averian en sabor;
mais mentr' eu vos vir, mia senhor,
sempre m' eu querria viver,
e atender e atender!

Pero ja non posso guarir,
ca ja cegan os olhos meus
por vós, e non mi val i Deus

nen vós; mais por vós non mentir,
en quant' eu vós, mia senhor, vir,
sempre m' eu querria viver,
e atender e atender!

E tenho que fazem mal sen,
quantos d' amor coitados son,
de querer sa morte, se non
ouveron nunca d' amor ben,
com' eu faç' ; e, senhor, por en
sempre m' eu querria viver,
e atender e atender!

Que muitos mi preguntarán

Cancioneiro da Vaticana 29 e 38, Cancioneiro da Ajuda 228

Que muitos mi preguntarán,
quando m' ora viren morrer,
por que moir' ! e quer' eu dizer
quanto x' ende pois saberán:
moir' eu, porque non vej' aqui
a dona que non vej' aqui.

E preguntar-m' an, eu o sei,
da dona que diga qual é,
e juro-vos per bõa Fe
que nunca lhis eu mais direi:
moir' eu, porque non vej' aqui
a dona que non vej' aqui.

E dirán-mi que parecer
viron aqui donas mui ben,
E direi-vos-lhis eu por en
quanto m' ora oistes dizer:
moir' eu, porque non vej' aqui
a dona que non vej' aqui.

E non digu' eu das outras mal
nen ben, nen sol non falo i;
mais, pois vejo que moir' assi,
digu' est' , e nunca direi al:
moir' eu, porque non vej' aqui
a dona que non vej' aqui.

Queixei-m' eu destes olhos meus

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 417, Cancioneiro da Vaticana 28

Queixei-m' eu d' estes olhos meus,
mais ora, se Deus mi perdon,
quero-lhis ben de coraçon;
e des oi mais quer' amar Deus,
ca mi mostrou quen oj' eu vi;
Ai, que parecer oj' eu vi!

Sempre m' eu d' amor queixarei,
ca sempre mi d' ele mal ven;
mais os meus olhos quer' eu ben,
e ja sempre Deus amarei,
ca mi mostrou quen oj' eu vi;
Ai, que parecer oj' eu vi!

E mui gran queixum' ei d' amor,
ca sempre mi coita sol dar;
mais os meus olhos quer' amar
e quer' amar Nostro Senhor,
ca mi mostrou quen oj' eu vi;
Ai, que parecer oj' eu vi!

E se cedo non vir quen vi,
cedo morrerei por quen vi.

Quer' eu, amigas, o mundo loar

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 743, Cancioneiro da Vaticana 345

Quer' eu, amigas, o mundo loar
por quanto ben mi Nostro Senhor fez:
fez-me fremosa e de mui bon prez,
ar faz-mi meu amigo muit' amar.
Aqueste mundo x' est' a melhor ren,
das que Deus fez a quen el i faz ben.

O paraíso bõo x' é, de pran,
ca o fez Deus, e non digu' eu de non,
mai-los amigos, que no mundo son,

[e] amiga[s] muit' ambos lezer an:
aqueste mundo x' est' a melhor ren,
das que Deus fez a quen el i faz ben.

Querria-m' eu o paraís' aver,
des que morresse, ben come quen quer,
mais, poi-la dona seu amig' oer
e con el pode no mundo viver,
aqueste mundo x' est' a melhor ren,
das que Deus fez a quen el i faz ben.

[E] quen aqesto non tever por ben,
[ja] nunca lhi Deus dé en ele ren.

Sanhud' and[ad]es, amigo

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 744, Cancioneiro da Vaticana 346

Sanhud' and[ad]es, amigo,
porque non faço meu dano
vosqu' , e per fe sen engano
ora vos jur' e vos digo
ca nunca ja esse [preito]
mig' , amigo, será feito.

De pran non são tan louca
que ja esse preito faça;
mais dou-vos esta baraça,
guardad' a cint' e a touca;
ca nunca ja esse preito
mig' , amigo, será feito.

Ai, Don Joan de Guilhade!
sempre vos eu fui amiga,
e queredes que vos diga?
En outro preito falade;
ca nunca ja esse preito
mig' , amigo, será feito.

Se m' ora Deus gran ben fazer quisesse

Cancioneiro da Ajuda 236

Se m' ora Deus gran ben fazer quisesse,

non m' avia mais de tant' a fazer:
leixar-m' aqui, u m' ora ' stou, viver;
e do seu ben nunca m' el outro desse!
Ca ja sempr' eu veeria d' aqui
aquelas casas u mia senhor vi,
e catá-la[s], ben quanto m' eu quissese.

D' aqui vej' eu Barcelos e Faria,
e vej' as casas u ja vi alguen,
per bõa fe, que mi nunca fez ben!
Vedes por que: porque x' o non queria.
E pero sei que mi matará ' mor,
en quant' eu fosse d' aqui morador,
nunca eu ja d' el morte temeria.

Par Deus Senhor, viçoso viveria
e en gran ben, e en mui gran sabor
veê-las casas u vi mia senhor,
e catar alá quant' eu cataria!
Mentr' eu d' aquesto ouvess' o poder,
d' aquelas casas que vejo veer,
nunca en ja os olhos partiria!

E esso pouco que ei de viver,
vivê-lo-ia a mui gran prazer,
ca mia senhor nunca mi' -o saberia.

Senhor, veedes-me morrer

*Cancioneiro da Biblioteca Nacional 420, Cancioneiro da Vaticana 31-32,
Cancioneiro da Ajuda 230*

— Senhor, veedes-me morrer,
desejando o vosso ben;
e vós non dades por en ren,
nen vos queredes en doer!
— Meu amigu' , en quant' eu viver,
nunca vos eu farei amor
per que faça o meu peior.

— Mia senhor, por Deus que vos fez,
que mi non leixedes assi
morrer, e vós faredes i
gran mesura con mui bon prez.

— Direi-vo' -l' , amig' , outra vez:
nunca vos eu farei amor
per que faça o meu peor.

— Mia senhor, que Deus vos perdon,
nembre-vos quant' afan levei
por vós, ca por vós morrerei,
e forçad' esse coração!

— Meu amig' , ar direi que non:
nunca vos eu farei amor
per que faça o meu peor.

Treides todas, ai amigas, con migo

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 741, Cancioneiro da Vaticana 342

Treides todas, ai amigas! con migo
veer un ome muit' enamorado,
que aqui jaz cabo nós mal chagado
e, pero á muitas coitas con sigo,
non quer morrer, por non pesar d' el alguen
que lh' amor á, mais el muit' ama alguen.

Ja x' ora el das chagas morreria,
se non foss' o grand' amor verdadeiro;
preçade sempr' amor de cavaleiro,
ca el de pran sobr' aquesto perfia,
non quer morrer, por non pesar d' el alguen
que lh' amor á, mais el muit' ama alguen.

Lealment' ama Joan de Guilhade,
e de nós todas lhi seja loado
e Deus lhi dé da por que o faz grado,
ca el de pran con mui gran lealdade,
non quer morrer, por non pesar d' el alguen
que lh' amor á, mais el muit' ama alguen.

U m' eu parti d' u m' eu parti

Cancioneiro da Ajuda 230

U m' eu parti d' u m' eu parti,
logu' eu parti aquestes meus
olhos de veer, e, par Deus,

quanto ben avia perdi;
ca meu ben tod' era em veer,
e mais vos ar quero dizer:
pero vejo, nunca ar vi.

Ca non vej' eu, pero vej' eu:
quanto vej' eu non mi val ren;
ca perdi o lume por en,
porque non vej' a quen mi deu
esta coita que oj' eu ei,
que ja mais nunca veerei,
se non vir o parecer seu.

Ca ja ceguei, quando ceguei;
de pran ceguei eu logu' enton,
e ja Deus nunca mi perdon,
se ben vejo, nen se ben ei;
pero, se mi Deus ajudar
e mi cedo quiser tornar
u eu ben vi, ben veerei.

Un cavalo non comeu

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1487, Cancioneiro da Vaticana 1098

Um cavalo non comeu
á seis meses, nen s' ergueu;
mais prougu' a Deus que choveu,
creceu a erva,
e per cabo s' i paceu
e já se leva.

Seu dono non lhi buscou
cevada, nẽ-no ferrou;
mai-lo bon tempo tornou,
creceu a erva,
e paceu e arriçou
e já se leva!

Seu dono non lhi quis dar
cevada, nẽ-no ferrar;
mais cabo d' un lamaçal,
creceu a erva,
foi pacer e arriçar,

e já se leva.

Veestes-me, amigas, rogar

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 787, Cancioneiro da Vaticana 371

Veestes-me, amigas, rogar
que fale con meu amigo
e que o avenha migo,
mais quero-m' eu d' ele quitar,
ca, se con el algũa ren falar,
quant' eu falar con cabeça de can,
logo o todos saberán.

Cabeça de can perdudo
é, pois non á lealdad' e
con outra fala en Guilhade,
é traedor conhoçudo,
e por est' , amigas, [sei que] tudo
quant' eu falar con cabeça de can,
logo o todos saberán.

E, se lh' eu mias dõas desse,
amigas, como soia,
a toda-lo el diria
e al, quanto lh' eu dissesse
e fala, se a con el fezesse:
quant' eu falar con cabeça de can,
logo o todos saberán.

Vi eu estar noutro dia

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1503

Vi eu estar noutro dia
infanções con un ricome,
posfaçando de quen mal come;
e dix' eu, que os ouvia:
"Cada casa favas lavan!"

Posfaçavan d' un escasso;
[e] foi-os eu ascuitando;
eles foron posfaçando,
e díxi-m' eu: "Pass' e passo,

cada casa, favas lavan!”

Posfaçavan d’ encolheito
e de vil e d’ espantoso
e en sa terra lixoso;
e dix’ eu enton dereito:
“Cada casa, favas lavan!”

Vi oj’ eu donas mui ben parecer

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 748bis, Cancioneiro da Vaticana 351

Vi oj’ eu donas mui ben parecer
e de mui bon prez e de mui bon sen
e muit’ amigas son de todo ben,
mais d’ ãa moça vos quero dizer:
de parecer venceu quantas achou
ũa moça que x’ agora chegou.

Cuidava-m’ eu que non avian par
de parecer as donas que eu vi,
atan ben mi parecian ali,
mais, po[i]-la moça filhou seu logar,
de parecer venceu quantas achou
ũa moça que x’ agora chegou.

Que feramente as todas venceu
a mocelãa en pouca sazon:
de parecer todas vençudas son!
Mais, poi-la moça ali pareceu,
de parecer venceu quantas achou
ũa moça que x’ agora chegou.

Vistes, mias donas, quando noutro dia

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 746, Cancioneiro da Vaticana 348

Vistes, mias donas, quando noutro dia
o meu amigo con migo falou,
foi mui queixos’ e, pero se queixou,
dei-lh’ eu enton a cinta que tragia,
mais el demanda-m’ [or’] outra folia.

E vistas (que nunca, amiga tal visse!)

por s' ir queixar, mias donas, tan sen guisa,
fez-mi tirar a corda da camisa
e dei-lh' eu d' ela ben quanta m' el disse,
mais el demanda-mi al, que non pedisse!

Sempr' averá don Joan de Guilhade,
mentr' el quiser, amigas, das mias dõas,
(ca ja m' end' el muitas deu e mui bõas);
des i terrei-lhi sempre lealdade,
mais el demanda-m' outra torpidade.